

# MINECRAFT™

## O FIM

UMA AVENTURA MINECRAFT OFICIAL



CATHERYNNNE M.  
VALENTE



*Para Aurora e Cole:  
estou sempre apenas a um portal de distância.*

Era uma vez um jogador.

O jogador eras tu.

Por vezes, achava-se humano, na fina crusta de um globo rodopiante de rocha derretida. A bola de rocha derretida circundava uma bola de gás incandescente que era trezentas e trinta mil vezes mais maciça do que ela.

Estavam tão distantes que a luz demorava oito minutos a atravessar esse espaço. A luz era informação que vinha de uma estrela, e podia queimar-te a pele à distância de cento e cinquenta milhões de quilómetros.

Por vezes, o jogador sonhava que era mineiro, na superfície de um mundo que era plano, e infinito. O sol era um quadrado de branco. Os dias eram curtos; havia muito que fazer; e a morte era uma inconveniência temporária.

— Julian Gough, *Poema do Fim*, Minecraft

## CAPÍTULO 1

---

### EU E TU E NÓS E ELES

É sempre de noite no Fim. Não há nascer do sol. Não há pôr do sol. Não há relógios a dar horas.

Mas isso não significa que não exista algo como o tempo. Ou a luz. Anel atrás de anel de ilhas amarelas pálidas brilha na escuridão, flutua na noite sem fim. Árvores violeta e torres violeta irrompem do solo rumo ao céu simples. Árvores carregadas de fruto, torres carregadas de salas. Varas de cristal branco erguem-se como velas nos cantos dos telhados e dos terraços das torres, a cintilar nas sombras. Cidades antigas, tranquilas, tentaculares, cheias destas torres, brilham em todo o arquipélago, nas cores púrpura e amarela, como tudo o resto neste lugar. Ao seu lado, navegam grandes navios com mastros altaneiros. Abaixo deles, abre-se um vácuo negro sem fundo.

É um lugar belíssimo. E não está vazio.

As ilhas estão cheias de endermen, de pernas pretas, longas e esguias, a moverem-se por pequenas colinas amarelas

e pequenos vales amarelos. Os olhos estreitos, roxos e cor-de-rosa brilham. De braços pretos e finos, a balouçar ao ritmo de uma música suave e sussurrante, a tecerem as suas tramas e a urdirem as suas teias nos edifícios altos e retorcidos, mais antigos do que o próprio conceito de relógio. Eles observam tudo. Eles não dizem nada.

Há shulkers escondidos em caixas aninhadas nos navios e torres. Pequenas lesmas verdes-amareladas escondidas dos forasteiros. Por vezes, espreitam, mas fecham logo as caixas em segurança, como amêijoas na concha. O barulho gentil dos cubos a abrir e a fechar é o batimento cardíaco do Fim.

Na ilha maior e central, enormes torres de obsidiana circundam um pequeno pilar de pedra cinzenta, rodeado de tochas. Uma lanterna acesa brilha no topo de cada torre. Uma chama numa gaiola de prata, a lançar raios de luz das torres para a erva, por um pequeno pátio cinzento, até ao céu negro.

Acima de tudo, algo circula lentamente. Algo enorme. Algo com asas. Algo que nunca se cansa. Dá voltas e mais voltas, e os seus olhos cor de púrpura reluzem como fogo furioso.

*Fin!*

A palavra ecoou pela sombra da praia de uma das ilhas exteriores. Uma enorme cidade pairava sobre grande parte da terra: Telos. Erguia-se das terras altas da ilha como um ser vivo. Grandes templos e pavilhões por todo o lado. Brilhos

brancos a cair das varas reluzentes. Shulkers a bater nas suas caixinhas. Amarrado a Telos, tal como um cão amarrado por uma trela, flutuava um grandioso navio cor de púrpura. Um navio pirata sem oceano para navegar. A maioria das cidades do Fim tinha navios atracados. Ninguém sabia porquê, tal como não sabiam quem tinha construído todas essas cidades grandes e estranhas. Não tinham sido os endermen, embora não se importassem nada de dar o seu nome aos sítios. Não fora a coisa que voava em círculos sem fim à volta de uma porta para lado nenhum. Não foram os shulkers, que nunca saíam da toca o suficiente para aprender alguma coisa. Os navios *estavam* lá, tal como as cidades *estavam* lá, tal como o Fim *estava* lá, como nuvens ou diamantes ou terças-feiras.

*Fin! Encontraste alguma coisa de jeito?*

Um jovem e magríssimo enderman teletransportou-se rapidamente em terra, entrando e saindo dos cantos e recantos de Telos. Apagou-se num sítio e acendeu-se noutro até ficar no convés do navio, com qualquer coisa nos braços. A cabeça era bem-parecida, preta e quadrada. Os olhos eram brilhantes e ávidos. Os membros eram esguios, mas fortes. Estava uma enderman encostada ao mastro, à espera dele. Ela cruzou os braços escuros no peito magro.

*Ná,* pensou o enderman em voz alta. As palavras apareceram simplesmente na mente da outra enderman. Eles não tinham necessidade de boca nem de ouvidos. Não havia necessidade de som. A telepatia era muito mais

fácil do que a conversa. Bastava *pensares* para alguém te perceber.

*Nada de jeito, Mo. Apenas umas pérolas. Já temos montes delas. Argh! Fica tu com elas. Até me fazem arrepios. Tinha a certeza de que os peitorais que encontrámos a semana passada já se teriam regenerado, mas acho que chegou lá alguém primeiro. Arranjei minério de redstone. E pronto. Para a próxima, vais tu. Consegues farejar sempre coisas boas.*

Os endermen gémeos de 12 anos, irmão e irmã, o Fin e a Mo, desceram às entranhas do navio. Em rigor, o Fin era três minutos mais velho, mas não se gabava disso. Coisas do género de quem era mais velho, e de quem não era, tresandavam a classificações, a estrutura, a Ordem — e a Ordem não era bem-vinda no Fin.

Sempre tinham vivido aí. Nem se lembravam de mais nenhum lugar. Era a sua casa. Não eram diferentes das centenas de endermen que se encontravam em qualquer ilha do arquipélago. Viviam num navio atulhado de tralha que traziam de qualquer sítio onde a achassem. Até havia tralha *muito* boa. Diamantes e esmeraldas, minério de ouro e lápis-lazúli. Perneiras de ferro encantadas, picaretas de toda a espécie, sementes de beterraba e frutos do coro, selas e armaduras para cavalos (embora nunca tivessem visto um cavalo). Dúzias de pares de asas cinzentas maravilhosas, que podias fixar nas costas e depois voar para onde quisesse. Parte era tralha propriamente dita. Pedras e barro, areia e livros velhos com lombadas partidas. O Fin e a Mo não se ralavam.

Eram respigadores, e os respigadores não eram esquisitos. Nunca se sabe quando dá jeito ter um bom bocado de barro.

Os gémeos sabiam que havia outros mundos. Tinha lógica, quando se vivia num sítio chamado Fim. Havendo Fim, tinha de haver Princípio. Um lugar qualquer de que aquele sítio era o Fim *de*. Algures ao contrário dali. Verde e luminoso, com céu azul e água azul, cheio de ovelhas e porcos, e abelhas e lulas. Os outros endermen passavam a vida a lá ir. Os gémeos já tinham ouvido histórias. Porém, aquele era o *seu* mundo. Estavam a salvo, com as suas coisas e os da sua espécie.

O tesouro do Fin e da Mo já chegava ao teto do porão. Os gémeos avançavam por dentro da sua coleção com todo o cuidado. Já o tinham feito um milhar de vezes. Havia um caminho aberto por entre botas e espadas, capacetes e cabeças de dragão, e lingotes. Pequenos espaços abertos para se sentarem e comerem, e viverem.

E animais de estimação.

*Olá, Rabuja*, pensou a Mo alegremente para o shulker dentro da sua caixa na parede oposta. Estava lá desde sempre, tal como eles. Nunca tinham conseguido livrar-se dele, embora lhes desse muito jeito ter aquele espaço para mais tralha. Mesmo que batessem na caixa dele até a despedaçar, simplesmente reaparecia no dia seguinte. Com o tempo, acabaram por desistir e aceitá-lo. Deram-lhe nome. Em certos dias, deixavam-no guardar o navio da tralha. Nunca se sabia quando poderiam ser assaltados.



Quando se tinha assim tanta tralha num só sítio, tinha de se estar alerta. O Rabuja não *guardava* propriamente, era mais ficar ali *sentado a odiar tudo*, como sempre, mas eles sentiam-se mais seguros. Não era um shulker qualquer. Era o shulker *deles*.

Se é que era um ele. Nunca quiseram espreitar. Respeitavam a privacidade do shulker.

*Olá*, retribuiu o Rabuja a saudação. Espreitou de dentro da caixa. Eles tiveram um vislumbre daquela sua cabeça amarela-esverdeada. *Odeio-te*.

*Está bem*. O Fin encolheu os ombros. *Lindo menino*.

*Não sou nada*, reflipou o Rabuja. *Quero morder-te*.

*És, pois!*, pensou a Mo. *QUEM É UM LINDO MENINO?*

O shulker resmungou e fechou-se na caixa outra vez. O seu último pensamento apareceu na cabeça deles, em letras pequeninas e zangadas. *Eu sou um menino feio. Amanhã hei de morder-te, vais ver*.

A Mo e o Fin escavaram um cesto de frutos do coro por detrás de uns blocos de minério. Dividiram-nos irmãmente para o almoço. Entre eles, era tudo igual. Com todo o cuidado, com todo o propósito, quase militantemente igual. Os gémeos trabalharam contentes e sossegados, lado a lado, e prepararam o almoço numa marmita.

*Guarda o navio, Rabuja*, pensaram o Fin e a Mo. *Vamos visitar o ED. Não deixes que nos levem nada*.

*Odeio o navio*, queixou-se o Rabuja, sem abrir a caixa. *Odeio-vos. Odeio o ED. Odeio a vossa tralha*.

*Isso é que é falar bem, Rabuja!* Os gémeos riram-se dentro das suas grandes cabeças pretas e quadradas.

O Fin e a Mo teletransportaram-se para o convés do navio. O céu preto estava tão bonito, com a cidade a resplandecer ali perto. Ora, eles não iam à cidade. Acenderam-se e apagaram-se conforme se teletransportavam pela cadeia de ilhas. A cada salto, as suas pérolas do Fim brilhavam incandescentes.

Em poucos instantes, chegaram à ilha central. Viam-se magotes de endermen por entre as torres de obsidiana. Feixes de luz jorravam das lanternas engaioladas para a escuridão.

*Saudações, Unifoco Paa*, pensou o Fin para um enderman alto e idoso que costumavam lá ver. *Todos saudamos o Grande Caos!*

*Que o Grande Caos te sorria, jovem*, replicou o Paa solenemente. Era a réplica tradicional. Todos os endermen veneravam o Grande Caos. O universo dividia-se entre Caos e Ordem. Os habitantes do Mundo Superior acreditavam na Ordem, mas os habitantes do Fim sabiam que era mentira. Desde sempre e para sempre mentira. A maior mentira jamais contada. No Mundo Superior, eles pensavam que se podia construir uma fortaleza robusta o bastante para não entrar ninguém. Que se podia realmente criar algo perfeito. Algo duradouro. Apenas os habitantes do Fim, servos do Grande Caos, pareciam compreender que era loucura. Era seu dever sagrado prová-lo. A vida era muito melhor quando se compreendia a verdade: podia acontecer qualquer

coisa, em qualquer altura, a qualquer um. O Grande Caos reivindicava a todos, mais cedo ou mais tarde. Um dia, reivindicaria o universo inteiro. O dever dos endermen era ajudar como pudessem. A peregrinação mais sagrada que um enderman podia fazer era a viagem ao Mundo Superior, para ver as construções das Forças da Ordem e sabotá-las. Bastava remover um bloco de uma casa acolhedora e a obra do Grande Caos poderia começar. Podia cair chuva ou fogo pelo telhado. Os creepers podiam entrar por buracos nos alicerces. Os ladrões podiam assaltar e levar tudo. A Ordem era uma *seca*. A vida não era muito mais interessante quando se deixava entrar o Caos?

*Saudações, Unifoco Lopp*, pensou a Mo para uma enderman rodeada de centelhas cor de púrpura que contemplava a beira da ilha. *Todos saudamos o Grande Caos*.

*Saudações, Mo*, respondeu a Lopp. *Aguardo o regresso dos meus. Foram ao Mundo Superior caçar Ordem e destruí-la. Tenho imenso orgulho nos meus fragmentos. Não de trazer glória ao nosso Fim*.

*Tenho a certeza de que voltam em breve*, pensou a Mo em tom reconfortante.

A enderman virou-se para os mirar. Era tão alta! Algo estranho brilhava nos seus olhos carmesim.

*Estás sozinha? Estás debilitada? Precisas de empilhar com um unifoco de potência e pujança superior?*

A Mo deu um passo atrás. Os endermen, na idade madura, ficavam apreensivos quando viam jovens sem guardiães.

Era algo que os perturbava profundamente. A Mo não gostava da mentalidade dos grandes endermen. Todos formais e rígidos, e ofendidos. Palavras compridas. Palavras a mais. Os mais novos não pensavam assim. O Fin e a Mo não pensavam, nem os outros jovens endermen que eles conheciam. Só podia ser um encantamento qualquer que caía sobre ti quando atingias a maioridade e te enchia de presunção.

Porém, a Lopp pensava assim apenas por haver tantos endermen na ilha do dragão do Fim. Sozinho, um enderman era irado, primitivo, pouco melhor do que um urso que levou bastante pancada na cabeça. Só em grupos é que os pensamentos formavam tantos picos longos e interessantes. A um grupo de endermen era um Fim. Por isso é que o país se chamava Fim. Todos os endermen juntos, era o maior Fim que podia haver.

Dentro de um Fim, havia muitos endermen diferentes, cada qual numa fase distinta da vida. Os fragmentos eram jovens que se fragmentavam a partir de um par de unifocos maduros. Os unipontos eram endermen completamente crescidos, mas ainda não maduros o bastante para se replicarem e começarem Fins seus. Por fim, havia unibases, os grandes e antigos antepassados que se tinham replicado sozinhos e começado os seus Fins apenas a partir de si mesmos. A junção a outros endermen para avivar e concretizar chamava-se empilhamento. Claro que era mais fácil com as unidades e os fragmentos do teu próprio Fim. Conheciam-te ainda antes de seres replicado! Ora, os endermen podiam

empilhar-se com quaisquer outros e crescer mais fortes, mais espertos, mais seguros e mais astutos. Era isso que a Lopp oferecia: segurança. Um tijolo não é lá grande coisa, mas pode fazer estragos se cair em cima de ti. Uma centena junta já forma um muro.

Mas a Mo não queria nada disso. Ela tinha o Fin e bastava. Sempre bastava. Quando empilhava com endermen que *não* eram o Fin (e outro em que tentava não pensar agora, porque era uma *distração* enorme pensar no Kan e a Mo tinha mais do que fazer), dava-lhe tanta comichão que só lhe apetecia esfolar-se toda. Dava-lhe vontade de chorar. Dava-lhe tanta energia que mal conseguia impedir-se de correr e fazer a roda que nem uma tonta. A Mo poderia ficar mais esperta empilhando, mas nunca se *sentia* mais esperta, porque não se conseguia concentrar no meio de tanta comichão e choradeira e cambalhota. Talvez tudo isso desaparecesse daí a uns anos, quando ela fosse uniponto. A Mo e o Fin por pouco ainda eram fragmentos.

Ou, se calhar, a Mo estava apenas uma lástima. Era definitivamente uma possibilidade.

*Não, eu estou bem*, pensou a Mo ferozmente.

*Tens a certeza?*, pensou a enorme enderman, cada vez mais preocupada. *Estou disponível. Sou uma excelente unifoco. As minhas capacidades de teletransporte e combate são inigualáveis.*

*Eu estou bem!*, gritou a Mo dentro da sua cabeça, e correu para o Fin. Não olhou para trás.

E o dragão do Fim voava e sobrevoava e voava, sempre a rugir. Fazia voos picados entre as torres, descansava de quando em vez no pequeno pátio cinzento no meio da ilha. Rugia um pouco mais e levantava voo outra vez.

O Fin e a Mo teletransportaram-se para cima de um dos pilares pretos. Instalaram-se na pedra negra ao lado do lampião e ficaram algum tempo a ver o dragão. Era o que mais gostavam de fazer. Por mais que contemplassem o ED, como chamavam ao animal, o dragão nunca ficava mais pequeno nem menos aterrador, nem menos interessante. Tantas escamas rugosas ao longo das costas. Aquelas asas espantosas. Aqueles enormes olhos cor de púrpura. A cada passagem, eles estremeciam de emoção e medo. Sobretudo emoção.

*Alguma vez te apeteceu lá ir?*, perguntou a Mo, a debicar o fruto do coro.

*Aonde?* O Fin seguia o dragão com o olhar. Não estava propriamente a ouvir a sua gémea. Quem é que ouvia uma irmã quando havia um dragão por perto? Descansava no pequeno pátio de pedra ao fundo, no chão.

*Ao Mundo Superior.*

*Credo, porquê? Há humanos lá.*

Os humanos eram a pior coisa de que ele tinha ouvido falar. Piores do que o vazio onde podias cair com tanta facilidade. Piores do que endermen adultos. Piores do que ladrões atrás das tuas posses. Muito piores do que o Rabuja. Os humanos odiavam os endermen. *Matavam* os endermen e roubavam-lhes o *coração*. As pérolas do Fim com que cada

um nascia, as joias que lhes davam o poder de se teletransportarem. Mas quem é que fazia uma coisa dessas? Quem é que roubava corações?

*Sei lá. A Mo esticou as pernas compridas e negras. Conhecer pessoas. Destruí-las. Sacar mais cenas. Comer algo que não seja fruta do coro. Servir o Grande Caos.*

*Mo, tu sabes o que aconteceu aos nossos unifocos. Foram ao Mundo Superior e nunca mais voltaram. Se não fosse o Mundo Superior, nós ainda teríamos um Fim.*

*Foram apanhados pela chuva, recordou a Mo. Uma recordação horrível. A chuva era veneno para os endermen. Expor-se a uma tempestade de verão era como expor-se a um milhão de balas de prata.*

*Podia acontecer a qualquer um. São esses os ensinamentos do Grande Caos. Dá e leva. Podia acontecer-me a mim ou a ti, ou ao Rabuja. Podia acontecer aos fragmentos da Lopp. Ela põe-se ali à espera deles todos os dias. Já alguma vez viste os fragmentos da Lopp?*

Não, pensou a Mo em voz baixa.

O Fin atirou um fruto do coro da beira do pilar, que foi a planar até à terra amarela. *Lá está. Acontece mesmo a qualquer um. Quantos endermen perdemos a cada semana?*

*Que o seu nobre sacrifício seja para o Reinado do Grande Caos chegar mais depressa, pensou a Mo piedosamente.*

*Pois, pois. Mas adivinha quem faz o trabalho sujo das Forças da Ordem? Os humanos. Todos os nossos problemas são por causa dos humanos. É por causa dos humanos que*

*nem sequer nos lembramos da cara dos nossos unifocos. É por causa dos humanos que não podemos ir ao Mundo Superior fazer um piquenique quando nos apetecer. Seja como for, não vale a pena. Garanto-te. Não há nada lá em cima melhor do que temos aqui. A única razão para ir ao Mundo Superior é servir o Grande Caos. Eu nem sequer faria isso, só se estivesse farto de viver. Afinal de contas, há lá coisa mais Caótica do que recusares-te a servir alguém?*

O Fin acompanhou com o olhar os esporos cor de púrpura no ar, à volta da sua pele. Era assim que se percebia que alguém falava, mesmo não conseguindo ouvir. As luzinhas violetas cintilantes da telepatia esvoaçavam em redor deles.

*Era isso que as nossas unifocos estavam a fazer? A servir? A sacrificar-se?*

*Acho que sim. Gosto de pensar que sim. Assim, o facto de sermos órfãos significa mais do que uma partida estúpida e cruel que o Grande Caos nos pregou para se divertir.*

*Vingança?, pensou a Mo com casualidade. Podíamos caçar humanos a noite toda. Podia ser divertido. Roubar-lhes o coração, para variar.*

*Mo, o Mundo Superior é perigoso. Leva-nos endermen. Para quê arriscar?*

*Deves ter razão. Além disso, temos tudo o que precisamos mesmo aqui. Ela apertou-lhe a mão fina e escura.*

A luz dos lampiões brilhava por todo o lado. Era a noite mais bela que os gémeos podiam imaginar. Como todas



as noites. O Fin pôs o braço comprido e anguloso à volta da irmã e coçou-lhe afetuosamente a cabeça quadrada.

*Oh!,* pensou ela. *Desta vez vem tão perto!*

O dragão elevou-se nos ares rumo a eles, refletindo a luz de cada lampião à sua passagem.

*Boa-tarde, ED.* A Mo acenou timidamente quando a criatura desceu rumo ao pilar onde eles estavam. Costumavam tentar falar com o dragão, embora ele não fosse manso. Raramente falava com eles.

Mas hoje aconteceu algo diferente.

O dragão do Fim virou a cabeça preta e quadrangular para eles. Abriu a bocarra. As entranhas eram violeta cintilante.

*Salve e misericórdia, Fragmento Mo.* O pensamento relampejou e estalejou na cabeça dela, maior e mais sonoro do que o de qualquer enderman.

A Mo ficou paralisada, um fruto do coro a meio caminho da cara. *Ele sabe o meu nome! Como é que sabe o meu nome?*

*Deves ser famosa,* pensou o Fin. A Mo sentiu a inveja dele ecoar-lhe dentro da cabeça.

O dragão do Fim guinou e deu a volta. Guinchou para o vazio.

*Ave, Fragmento Fin.*

*Também sabe o meu nome! Ena!* O dragão do Fim guinou à volta de um pilar distante. *Ave? Mas que espécie de barulho é aquele? Estará doente? Irá vomitar? Tu tiveste aquilo tudo da misericórdia. Eu só tive «ave».*

*Significa «viva».* A Mo riu-se nas profundezas da sua mente.

*Oh! Viva, ED! Vivaaaaa! Ave! Se calhar vai ser nosso amigo, não achas? Mo?*

A Mo não tinha a certeza. Agora vinha direito a eles. O fogo cor de púrpura dos olhos não indicava propriamente que queria fazer amizade. Desta vez, quando a criatura voou perto, arrastou a sua asa negra sobre o topo do pilar deles, derrubando-os como se eles não pesassem nada.

*AGORA VÃO-SE EMBORA!*, berrou o ED nas mentes deles. O lampião de cristal ao lado deles tremeluziu de medo. A cauda do dragão vergastou o ar como um chicote e ele mergulhou na escuridão.

*Foi. Mesmo.*, pensou o Fin.

*Um. Espetáculo!*, rematou a Mo por ele. Os seus olhos cor de púrpura brilharam de alegria.

A Mo agarrou numa mão-cheia da rede de prata que circundava o lampião. Nunca conseguia resistir a saquear mais.

*Uma corrida até casa!*, pensou alegremente, e desapareceu. O Fin desapareceu atrás dela.

## CAPÍTULO 2

---

### A CÚPULA E O DRAGÃO

O Fin estava sentado num maciço de monte amarelo à beirinha de Telos. Comia a fruta do coro e contemplava o pátio mais abaixo. Saía em bifurcação da torre principal de um dos pagodes mais pequenos da cidade. Acima dele, os estandartes pendiam na noite sem vento. Abaixo dele, nada além da escuridão.

Mas dentro do pátio? Dentro dele ficava a Cúpula do Fim.

A Mo não gostava de ir lá acima. «Se eles não nos quiserem, também não os quero», dizia sempre. Depois concentrava-se numa coisa qualquer para não ter de falar mais nisso. Mas o Fin não se conseguia conter. Adorava ver os fragmentos aprender, combater, brincar, lutar, perfurar, mesmo em brigas e bulhas não oficiais. Mantinha-se perto o suficiente para empilhar com eles e nunca ficar completamente «parvirado» («parvo» e «irado», a palavra inventada pelo Fin para descrever o que eram os endermen sozinhos), mas longe o bastante para não poderem correr com ele dali. Era onde

os fragmentos do Fim treinavam para sobreviver no Mundo Superior. Para servir o Grande Caos. Para combater humanos. O Fin dizia à irmã que não ligava ao Mundo Superior. Ela podia ver-lhe os pensamentos, pelo que era verdade, senão a Mo apanhá-lo-ia em falso. Mas apenas parcialmente verdade. Apenas maioritariamente. O Fin *não* ligava a ir lá acima, àquele lugar grande, luminoso e quente. Porém, ansiava por treinar com os outros fragmentos na Cúpula do Fim. A única finalidade da Cúpula do Fim era ir ao Mundo Superior um dia e desfazer em bocados o que lá encontrasse. Imaginava-se na Cúpula com os outros: melhor da turma, popular, dez ou até *vinte* pessoas com quem conversar sempre que o pensamento quisesse, em vez de apenas a irmã gémea e um shulker rabugento no final de cada dia.

Hoje treinavam o teletransporte. Apareciam e desapareciam, subiam à torre e desciam. Saíam para os montes e voltavam ao pátio. Aqui, ali, em todo o lado. «Eu podia fazer aquilo», pensava o Fin. «Podia fazer tão bem. Melhor do que, pelo menos, metade deles. Três quartos, vá. Pois. Três quartos, de certezinha.»

Pronto, talvez não pudesse fazer assim tão bem *aqui*, mas em casa? No seu navio? O Fin sabia aparecer e reaparecer como um baralho de cartas em jogo. Ás, Rei, Rainha, Valete. Proa, popa, porão, cesto da gávea. Na boa. Mas por isso é que ele tinha de estar na Cúpula do Fim com todos os outros fragmentos! Para aprender a fazer isso em todo o lado, e não só onde se sentia seguro e à vontade. Não era *justo*.

Por vezes, quando te teletransportas, parece que passas por outros lugares a caminho do teu destino. Como se o mundo ficasse ténue quando abres caminho ao murro e pudesses ver até outros Fins quase iguais a este mas... mas mais pacíficos, mais sossegados, mais cheios de tudo o que é bom e útil. O Fin queria saber desses lugares, mas não o deixavam treinar, e não tinha ninguém a quem perguntar. A injustiça disso até o «queimava».

Mas o que ardia, o que *mais* ardia, era o Fin e a Mo até serem bastante espertos, apenas os dois. Muito mais espertos do que qualquer enderman sozinho, na opinião do Fin. Ou da Mo. Em casa, no navio, nunca ficavam «parvirados», longe de qualquer outro enderman. Imagina o quanto poderiam ser inteligentes se os deixassem ir para a Cúpula com os outros fragmentos! Os endermen eram sempre mais inteligentes em grupo. Quanto maior, melhor. Sendo eles já tão bons empilhados a dois, os gémeos poderiam ser deuses às duas dúzias. Mas nunca lhes dariam oportunidade.

A Mo não achava nada que eles precisassem de treino. Até lho tinha dito nessa manhã, à saída dele. Bem, não era propriamente manhã. Isso eram termos do Mundo Superior. Termos da *Ordem*. Não obstante, podia fazer-se uma espécie de dia e noite com o brilho das varas do Fim. Ficavam mais acesas e mais apagadas com bastante regularidade. Podes pensar nelas como um relógio. Se quiseres. Mas também é um bocadinho blasfémia. Fazer Ordem do Caos. Tempo da intemporalidade. É... malandrice. Por conseguinte,

entusiasmante. Assim sendo, e de quando em vez, os gémeos permitiam-se fazer malandrices. Pensavam no tempo em que as varas brilhavam mais, como sendo de manhã, e no tempo em que elas esmoreciam, como de noite. Porém, nunca contavam a ninguém.

«Não há nada que nos possam ensinar que não tenhamos aprendido já», pensara a Mo nessa «manhã». «Sabemos construir, sabemos acumular, sabemos viajar, sabemos lutar, sabemos pensar a direito e com clareza, como o caminho entre o covil do dragão do Fim e as ilhas exteriores. Gosto da nossa vida como está. Não vejo motivos para mudar. Tal como já disseste. Não queres ir ao Mundo Superior? Pois eu não quero ir à Cúpula. É assim que sabes que somos gémeos. Somos iguais, mesmo quando somos diferentes. Não é preciso ires à estúpida da Cúpula do Fim aprender a descontrair e a divertir-te.»

O mais engraçado é que o Fin sabia que ela não falava mesmo a sério. Ela não gostava da vida deles como estava. Ele apanhava-a imensas vezes a olhar para o vazio, a sonhar com alguma coisa, alguém algures. Ela não lhe contava com o quê. Ele também não insistia. Poderia muito bem ter descoberto, se quisesse ser sacana. Ir espreitar as partes da mente da Mo que ela não divulgava. Porém, isso seria falta de educação, e ele detestaria que ela lho fizesse. O Fin deixava-a ter segredos para poder ter os seus também. Era justo. A justiça era uma espécie de Ordem, e ele sabia disso. Mas os segredos eram as sementes do Caos, pelo que

calculava que tudo resultava em equilíbrio no final. Fosse como fosse, ele sabia que a Mo não era assim tão feliz como se dizia ser. Um irmão sabe sempre.

O único amigo verdadeiro deles, o Kan, não compreendia a ideia fixa dele com a Cúpula. «Detesto treinar», afirmava sempre. «Sou obrigado pelos meus unifocos a comparecer todos os dias e é uma seca violenta, e dói-me quando os outros fragmentos me batem. A Capataz Owari nunca se cala com os humanos e o Grande Caos, e eu passo o tempo todo deseioso de estar noutra lugar qualquer, a fazer a minha música sem ninguém a bater-me. Até desejo estar em casa, e não gosto assim tanto de casa. Quando me queixo, a Capataz só me diz que, se ficar mais forte, deixa de doer. Ou se ficar mais veloz, eles deixam de me conseguir acertar. Mas eu não quero ser mais forte nem mais veloz. Só quero o oposto da dor. Tens tanta sorte de não te obrigarem a ir à Cúpula. Não me digas mais a maravilha que achas que é. Tu sabes lá. Mas se servir para te sentires melhor, posso bater-te várias vezes com toda a força.»

O Fin não acreditava ter sorte alguma. Sentia-se um fragmento sem unifocos, um órfão sem lugar no mundo. Sentia-se um anormal. O Fin só queria ser normal. Só queria ser como os outros. Porque é que não podia ser? Porque é que os seus unifocos tinham tido de ir ao Mundo Superior, para começar? Porque é que a vida não podia ser *boa*, em vez de solitária como lixo despejado? Claro que isto também não era justo. A vida *era* boa, às vezes. Os endermen crescidos

nunca tinham sido cruéis quanto a isso. Só que... não sabiam o que haviam de fazer aos gémeos. Eram simpáticos quando eles iam às compras a Telos, ou ver as luzes de Finaltal — o grandioso feriado no qual os endermen comemoravam o nascimento do Grande Caos —, a beleza da sua terra, a força dos seus grupos familiares. Os seus próprios Fins. Claro que os gémeos não podiam comemorar o Finaltal como deve ser. Sem um Fim, não se podia propriamente. Era o único dia do ano em que todos os endermen faziam música, cantavam juntos em grandes cachos de Fins. Não obstante, os gémeos adoravam ver as luzes. De longe. De fora. Como tudo o resto no seu mundo.

«Saudações, Fin. Saudações, Mo.» Pensavam os endermen adultos quando os viam. «Não têm medo de se aventurar sozinhos depois da desgraça que houve na vossa vida?»

«Obrigado por falarem nisso», retorquia sempre em pensamento o Fin e, geralmente, conseguia que se calassem.

Já não faltava muito para o Finaltal. Ele teria de pensar em algo especial para oferecer à Mo e ao Kan, e ao Rabuja.

De súbito, relampejou uma enderman na erva ao lado dele. Era pequena e atarracada, mais baixa do que o Fin. A pele negra dela crepitava de energia cor de púrpura. A fragmenta virou-se para o ver.

Quando tens contacto com os pensamentos de outro enderman pela primeira vez, geralmente vêes qualquer coisa acolhedora. Indica-te muito sobre o enderman com quem partilhas a mente. Tipo, um instantâneo da sua alma.



Quando ele olhava para dentro da cabeça da Mo, via sempre a imagem do navio deles. A porta do porão estava sempre aberta, e o interior sempre cheio de tesouros e bichinhos de todos os confins do Fim. Até um pequeníssimo dragão do Fim empoleirado numa das tochas. Ela adorava animais, embora nunca tivesse visto mais do que o ED e shulkers, e traças do Fim. No entanto, já ouvira falar um milhão de vezes em porcos e vacas, e ovelhas e raposas, e tartarugas e lulas do Mundo Superior, e achava que sabia tudo sobre eles. A mente da Mo parecia uma casa cheia de animais contentes que quase pareciam, embora sem parecerem mesmo, verdadeiros porcos e vacas, e ovelhas e raposas, e tartarugas e lulas. Quando o Fin olhava para o interior dos pensamentos do Kan, via notas de música a dançarem em espirais bonitas. O Kan adorava música. Claro que o Fin não conseguia ver a sua própria cabeça, pois vivia dentro dela. Mas a Mo dizia-lhe que era um espaço bonito e simpático, cheio de livros abertos e canetas para escrever neles, em cada mesa e cadeira, e no chão também.

Quando olhou para dentro da mente daquela enderman, o Fin viu o seu Fim, todos os unifocos e fragmentos, e pontos muito juntos, de braço dado, até não se perceber onde começava um e terminava o outro.

Irra! Ela era *péssima*.

*Pelo Grande Caos, creio que viajei longe demais e velozmente demais*, exclamou ela na mente dele. *Creio que fizeste o mesmo, amigo! Regressamos juntos?*

*Bem visto*, murmurou o Fin.

A inveja queimava-o por dentro. Em segundos, ela desapareceria para dentro da Cúpula e ele ficaria ali, sozinho com um fruto do coró meio comido. Eram parecidos, mas não eram nada iguais. Não eram amigos. Nunca poderiam ser amigos. Até a maneira como ela pensava, tantas palavras bonitas e formais. A armar-se em crescida, em enderman alta e grande, com elegantes discursos telepáticos. Só por andar na Cúpula e os crescidos gostarem dela e, provavelmente, dizerem-lhe que ela tinha jeito para ser uma máquina pura e dura de esraçalhar humanos. Ora esses belos pensamentos não aguentariam. Eles já estavam bastante longe da Cúpula. O empilhamento não aguentaria. O Fin tinha muita prática no empilhamento à distância. Tinha de ser, quando vives nos arredores de tudo. Mas ela não tinha prática nenhuma. Se ficasse ali mais do que uns minutos, só os dois, os pensamentos dela seriam mais do tipo: «Eu, forte. Tu, estúpido.» Depois, provavelmente, batia-lhe, e ele teria de decidir se prestava bom serviço ao Grande Caos a bater-lhe também, ou não.

*Aguarda um momento*, pensou a fragmenta. O Fin sentia a mente dela a afastar-se da sua. Conhecia a sensação. Todos os fragmentos normais o faziam quando se apercebiam de quem ele era. Um *daqueles*. Um dos esquisitos. Um dos órfãos. Um dos gémeos sem Fim que viviam naquele navio velho e encalhado como shulkers. O Fin sentiu a nuca toda eriçada. Formigueiro, como quando te adormece um pé. É a sensação que tens quando gozam contigo.

*Não te conheço, continuou a fragmenta. O Fin encolheu-se. Tu não és do meu grupo de treino. Porque é que fugiste da Cúpula? Onde está a tua unifoco? Onde está o teu Fim? Isto é solitário, aqui fora nas dunas. Estamos nas horas de instrução. Não temos autorização para estar sozinhos nessas horas. Os fragmentos podem.*

*Eu posso, pensou o Fin, categórico. Eu tenho autorização, e a minha irmã gémea também.*

A fragmenta semicerrou os olhos de cor carmesim, a tentar perceber. *Não compreendo.*

Ora lá estava. Os pensamentos dela estavam a derrapar. Tempo de mais passado fora. Tempo de mais desempilhada.

*Eu chamo-me Fin. A minha irmã gémea chama-se Mo. Tu és a Koneka, não és?*

*Correto. A Koneka abanou a cabeça. Pois. Koneka. Mas como é que conheces a Koneka, se a Koneka não te conhece a ti? Porque é que estás aqui sozinho e não no treino connosco? Sozinho é perigoso. Volta com a Koneka.*

*Eu não tenho Fim, respondeu o Fin. Eu não tenho unifocos! E como não tenho unifocos, a Assembleia decidiu que eu e a minha irmã gémea temos de viver à parte e não frequentar a Cúpula contigo e todos os teus amiguinhos contentes. Sem um Fim, nós nunca poderíamos ser inteligentes o bastante para merecer treinar. Foi o que disseram.*

*Ah, pensou a Koneka.*

*Ah, pois, pensou o Fin. Mas consigo fazer tudo o que vocês conseguem. Vais ver. Um dia. Quando se pensa bem*

*nisso, eu e a minha irmã somos a VERDADEIRA prole do Grande Caos. Os grupos familiares são uma espécie de Ordem, mas não é que alguém aqui repare. Estou livre disso, ao contrário de ti.*

*Agora vou-me embora, pensou a Koneka, envergonhada. Não sei que fazer ou dizer. Vou-me embora.*

*Está bem, pensou o Fin, e deu pontapés nas ervas.*

*Vou.*

*Então vai.*

*Pois vou.*

*Segue.*

A fragmenta fez-lhe má cara. *Estúpido*, pensou antipaticamente.

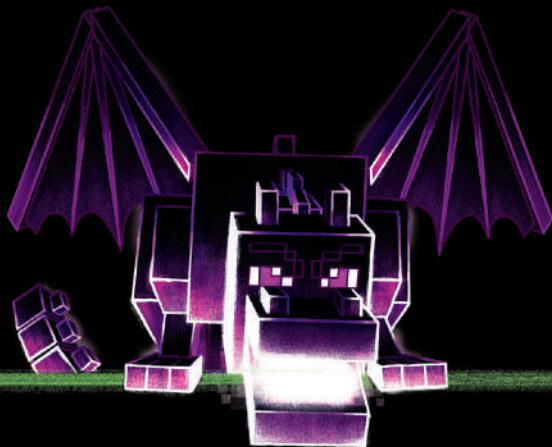
A Koneka desapareceu.

O Fin endireitou-se e avançou os poucos passos que faltavam até à beira da ilha verdejante. Após um momento, deitou fora a fruta. Já não tinha fome. O jovem enderman ficou a ver a fruta ressaltar no vazio. «Ela é que é estúpida», pensou. «São todos estúpidos. Não interessa.»

Mas interessava.

Claro que interessava.

A Mo estava empoleirada num dos altos pilares de obsidiana na ilha central do Fim. Recostara-se na armação de prata que encerrava as chamas de cristal tremeluzentes, que iluminavam o espaço como pequenas luas presas.



A Mo e o Fin vivem no Fim, um lugar sombrio e escuro guardado por um dragão assustador e onde se venera o Grande Caos. Onde há fragmentos e shulkers e telepatia e teletransporte. E onde se treina dia e noite para atacar o Mundo Superior, onde vivem os humanos, a grande ameaça.

Mas, um dia, o portal abre-se e os humanos invadem o Fim. Será que a Mo e o Fin vão finalmente descobrir quem são? Será que os humanos são assim tão assustadores? E o Fim, terá realmente um fim?

LÊ TAMBÉM:



**booksmite**  
livros que saltam à vista  
20|20 editora

ISBN 978-989-564-236-6

10+



9 789895 642366

Literatura Juvenil